



Características jornalísticas do polemismo de Nelson Rodrigues na obra *Asfalto Selvagem*¹

Roseméri LAURINDO²

Universidade Regional de Blumenau, SC

Resumo

Este trabalho verifica características jornalísticas do polemismo na obra *Asfalto Selvagem*, do escritor e jornalista brasileiro Nelson Rodrigues, livro que levantou questões a partir da história de Engraçadinha, personagem popular da literatura brasileira. Com a análise discute-se aspectos da polêmica relacionados com a construção do polemismo enquanto gênero jornalístico. Realizou-se pesquisa exploratória para compreender as principais marcas do polemismo enquanto partícipe do discurso jornalístico e descritiva da obra de Nelson Rodrigues como importante brasileiro representante do estilo. Observou-se alguns elementos estruturadores da polêmica como enunciação, heterogeneidade, ethos e ironia.

Palavras-chave: Gêneros; Jornalismo; Polemismo; Nelson Rodrigues

Introdução

A polêmica é fator inerente a qualquer tipo de mudança social. Todas as alterações na percepção sobre os valores de uma sociedade começam por uma heterogeneidade de opiniões. O jornalismo se encaixa neste contexto quando se determina a ser um tradutor do mundo para o seu leitor e, como tal, tem a missão de

¹Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela UFBA e jornalista pela UFSC. Professora da Universidade Regional de Blumenau e do Instituto Blumenauense de Ensino Superior. email: roselauro@brtur.com



mostrar os fatos por todos os ângulos possíveis para que o receptor de suas informações possa criar uma opinião a respeito deles.

Para Ferreira (2010, p.6) o confronto e conflito são traumáticos, porém necessários para que a sociedade saia da inércia e viva novos desafios. Nesse contexto, veremos que polêmica no jornalismo se distingue do polemismo praticado grande parte por cronistas ou articulistas, por duas questões, segundo Wainberg *et al* (2002). A primeira delas é a origem de sua existência: no jornalismo surge de um fato, enquanto no polemismo é fruto apenas da observação de mundo e da criatividade do polemista. Em segundo lugar pelo seu caráter. Enquanto o jornalismo tem como premissa ouvir todos os lados envolvidos na polêmica em questão, o polemista pode simplesmente expressar o seu ponto de vista através de seu próprio discurso ou pelo discurso carregado pelos seus personagens. Wainberg afirma que não há que confundir a natureza polêmica dos tópicos agendados para a cobertura jornalística com a ação crítica e reflexiva dos polemistas.

Um dos mais notórios polemistas brasileiros é, segundo Petrik (2006, p.7), Nelson Rodrigues, também considerado por Wainberg *et al* (2002, p.59) como um dos articulistas e cronistas que conseguiu provocar e desafiar valores do senso comum, constituindo-se como “gladiador da palavra”. No livro *Asfalto Selvagem*, Rodrigues vive uma de suas mais intensas fases de polemista ao tratar, em jornal diário, de alguns tabus da época que ainda hoje são factíveis de discussão pelos atuais representantes do gênero. Nelson Rodrigues foi amado e odiado em virtude de opiniões acerca de diversos temas que chegavam todos os dias na casa das pessoas pelas crônicas e folhetins que publicava no jornal: diferenciação entre gêneros, sexualidade, homossexualidade, suicídio e incesto são recorrentes em grande parte das suas obras.

Para o presente trabalho delimitou-se a observar o livro *Asfalto Selvagem*, por se tratar de uma compilação de 112 contos publicados diariamente (de segunda-feira a sábado, entre agosto de 1959 e fevereiro de 1960) no jornal *Última Hora*. Conta a história de Engraçadinha que, diz Pasto (2008, p.186), é uma das personagens mais pervertidas da faceta folhetinesca de Rodrigues. Na primeira etapa, tem-se a vida da personagem até os 18 anos em Vitória, no Espírito Santo, na década de 40. Esta fase costura-se, de forma especial, para entendimento do suicídio do pai de Engraçadinha, Dr. Arnaldo Pereira de Almeida, e serve como parâmetro para uma segunda parte, em que a personagem está num casamento infeliz com Zózimo (que assumiu seu primeiro filho, Durval), com quem tem mais quatro filhos.



Na segunda fase, Engraçadinha incomoda-se com alguns fantasmas de seu passado. A obra traz a todo tempo questões polêmicas e controversas que, ou estavam em debate social, ou foram postas naquele patamar graças à obra de Rodrigues. Entre elas estão o incesto entre Sílvio e Engraçadinha (irmãos), a paixão homossexual de Letícia (noiva de Sílvio) por Engraçadinha e outras situações relacionadas à sexualidade.

A partir do cenário rodrigueano, o que se pode observar de características do polemismo que seriam comuns ao jornalismo?

O espaço do polemista em jornal

A escolha por Nelson Rodrigues e pela obra *Asfalto Selvagem* como tema para problematizar-se o polemismo como gênero deu-se por sua relação direta com o jornalismo. Mais do que o fato de ter sido originalmente publicado em jornais, a obra retrata o papel do autor como um dos polemistas mais importantes a ocupar espaço nos jornais brasileiros.

Asfalto Selvagem destaca-se, entre outras obras polêmicas de Rodrigues porque, de acordo com Castro (2006), mesmo quem estava habituado com o estilo e a ousadia presente nas obras de Nelson Rodrigues, surpreendeu-se ao ler *Asfalto Selvagem*. O autor relata que, resfolegando-se sobre os capítulos diários da história de Engraçadinha, muitos perguntavam-se: “como é que deixam?!”.

A relação dos textos de Nelson Rodrigues com o jornalismo é marcada pela importância que os polemistas têm para o jornal enquanto um elemento próprio ao jornalismo. Wainberg et al (2002 p.67) enfatiza que “o jornal ganha, e muito, com a presença de tais debatedores”. Sem a necessidade de fatos que respaldem os seus debates – já que os temas abordados podem ser fruto apenas da observação de mundo e do imaginário do polemista – Rodrigues levou ao público discussões de valores que faziam jus ao seu papel de abalar as crenças e estimular o questionamento.

O ato fundador polêmico enquanto produto da elaboração jornalística individual deve ser compreendido como fenômeno específico da Comunicação, ainda que sua abordagem e compreensão possa ser multidisciplinar. É do campo da Comunicação, fundamentalmente, pelo fato de o polemista ser um personagem dos meios impressos. (PETRIK, 2006, p.13)



A função primordial do jornalismo é a informação. Mas há gêneros que indicam funções outras, como a de entretenimento. Os contos que resultaram em *Asfalto Selvagem*, publicados no jornal *Última Hora*, tiveram um papel para além do entretenimento: levaram características do jornalismo polêmico para dentro do campo ficcional, fazendo com que o leitor tivesse, por hora, choques de realidade e por outra repensasse algumas mudanças comportamentais, no final da década de 50 e início de 60.

Apesar de constituírem formas discursivas distintas, jornalismo e literatura possuem funções sociais através de características que servem de alicerce para discussões e debates que podem influir de forma direta na vida dos leitores. Muitas dessas características estão presentes no polemismo. Nesse sentido, é importante saber quais os principais aspectos do polemismo na obra *Asfalto Selvagem*, de Nelson Rodrigues, através dos quais se possa refletir sobre o polemismo no jornalismo

Os textos de Nelson Rodrigues foram intrigantes, desde o início de sua carreira literária (em 1941 com a peça *A mulher sem pecado*), por seu estilo direto e controverso do ponto de vista dos preceitos morais então estabelecidos. Temas como traição e sexo sempre fizeram parte da produção textual do autor. No entanto, na publicação dos contos sobre Engraçadinha, que dariam origem a obra *Asfalto Selvagem*, o autor deu um passo ainda maior. Tratar destes temas em uma forma tradicional de comunicação como o jornal que, já na época, era acessível a pessoas de diversas classes sociais, foi um diferencial do próprio escritor.

Nos primeiros contos que compõem *Asfalto Selvagem*, aparece a polêmica pela narração de um suposto caso de incesto (de pai com filha), que não passa de fofoca. No entanto, apesar de não ser com os mesmos personagens, o caso de incesto se confirma na obra, entre Engraçadinha e Sílvio (irmãos).

Outro tema controverso, particularmente na época, também aparece nos primeiros capítulos, a homossexualidade. Se ainda hoje o assunto é controvérsia no parlamento, a realidade do ano de 1959 era bastante restritiva, mas Nelson Rodrigues colocava-o a nu no jornal.

O polemista precisa de um rosto, uma marca, para ter credibilidade, diz Ferreira (2010), para quem ele deve ser “o alvo, a referência, o carrasco”. Nelson Rodrigues imprimiu nos folhetins que assinou esta marca de polêmico por natureza, de modo a contribuir para a disseminação da literatura brasileira nos jornais, colocando suas características discursivas a interagir com o campo jornalístico.



Gêneros e as características do polemismo

Gêneros podem ser entendidos como “categorias de análise a partir das quais podemos agrupar trabalhos semelhantes, tanto visando auxiliar a produção e leitura destes trabalhos quanto para a análise deste material” (Temer *apud* ASSIS, 2009, p.6).

A análise clássica dos gêneros jornalístico no Brasil é de José Marques de Melo, no primordial *Jornalismo Opinitivo*, de 1985, que dividia a produção em dois grandes grupos: o jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentários, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta). A proposta atualizada de Melo (2010, p.27-28) divide o jornalismo em cinco grandes gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

O polemismo - Onde houver duas pessoas é natural que não haja homogeneidade em termos de opinião de modo que, segundo Sponholz (2010, p.166) para haver uma controvérsia não é necessário que uma discussão concretamente se realize. O polemismo, para Wainberg *et al* (2002), dedica-se a eternização do conflito.

O espetáculo proporcionado é a exegese, a capacidade de espremer a palavra. É isso que diverte as massas. E neste exercício o pensamento tem como missão romper com o trivial. Tal tarefa é ameaçadora pois desqualifica em certa medida o equilíbrio existente. Torna o senso comum absurdo. Abala a auto-estima de quem se considerava donatário de verdades absolutas. Verdades estas, muitas vezes obtidas com esforço existencial. (WAINBERG *et al*, 2002, p.52)

Petrik (2006. p.12) afirma que o termo polêmica foi banalizado. Para ele, a palavra perdeu seu significado original que vem do grego *polemos* e significa luta, embate, conflito. E é isso que o polemista traz: um choque de valores.

Wainberg *et al* (2002) lembra que o polemista se destaca pela habilidade de animar-se do tempo e problematizar a rotina mesma de todos os dias. Ainda segundo o autor:

O polemista, ao desempenhar o seu papel marginal, trata de por em contato mundos entre si, geralmente o conhecido com o outro que está por vir, vivo somente em sua mente de profeta maldito. Tais personagens agitam a vida comunitária, causam desconforto e vivem a ambígua situação de serem amaldiçoados e venerados ao mesmo tempo. (WAINBERG *et al*, 2002, p.58)



Segundo Ferreira (2010) o polemista rejeita o cooperativismo, se auto-recicla regularmente e é um motivador para a saída da inércia social e a busca por novos desafios.

Na verdade, o polemista quase sempre transcende a sua órbita de mero cronista formador de opinião e émulo dos debates para se tornar personagem de si mesmo. É nesta condição que se eterniza na mente, inclusive dos seus não leitores. [...] São populares, causam impacto e surpresa, mudam o curso de alguns acontecimentos relevantes, servem de cimento no vínculo do cotidiano entre os leitores. Sobretudo, abalam crenças e estimulam o questionamento interno. Constituem-se de um fenômeno, excêntrico, cuja explicação fica longe de ser óbvia. (PETRIK, 2006, p.7)

O autor também comenta o esquecimento do estudo do polemismo pelos teóricos. Segundo ele, há uma posição de marginal e por isso carrega a contradição de ter impacto junto ao público enquanto fica relegado ao esquecimento pelos teóricos (Petrik, 2006, p.6).

Baseado em autores como Émile Benveniste e Oswald Ducrot, Petrik (2006) faz uma análise sobre a forma com que a polêmica se estrutura e as principais características e diferenciações do polemista enquanto personagem do jornalismo. Em seu estudo, o autor estrutura a polêmica em quatro pontos fundamentais: enunciação, heterogeneidade, o ethos e a ironia.

Enunciação - A enunciação se define pela expressão que coloca o emissor em comunicação. Enunciar-se é comunicar, com repercussões no ambiente, no grupo e na sociedade (PETRIK, 2006, p.14). A enunciação é fator básico para a polêmica e fundamental para o polemista.

Segundo Petrik (2006, p.17) não há enunciação sem intenção, já que a própria enunciação surge de uma necessidade de influenciar ou informar. Acrescentaríamos a esta definição o verbo questionar, porque é esta uma das funções do polemista e uma das características da obra de Nelson Rodrigues.

Não obstante um discurso único, o polemista não esquece, conforme Petrik, de propor um diálogo; por isso utiliza-se de termos que situam o leitor no espaço e no tempo. Esta contextualização permite que o leitor se localize dentro do cenário da polêmica e, com isso, possa compreender e sentir os efeitos do polemista em sua reflexão a respeito do tema.

Heterogeneidade - De acordo com Wainberg *et al* (2002) é condição primária da polêmica a existência de um dilema, natural ou criado. Se existe um dilema, logo, existem pelo menos duas opiniões sobre o tema. Caracteriza-se heterogeneidade quando o polemista mostra os dois vieses. Cossari (2004, p.6) explica que há dois tipos de heterogeneidade no discurso polêmico: a marcada e a constitutiva.

Paráfrases, aspas e travessões são características da presença de mais um discurso dentro do texto o do jornalista que redige e traduz para o público a situação polêmica e a de um personagem exterior, que opina, explica ou esclarece alguma questão do enunciado, explicitandose a heterogeneidade marcada ou mostrada.

Já sobre a heterogeneidade constitutiva, parte-se do pressuposto de que há um discurso tendencioso por trás de qualquer escrito e, de forma ainda mais forte e perceptível, em textos que falem de forma direta sobre temas polêmicos.

Dentro deste contexto, Petrik (2006) sublinha a polifonia como uma das características do polemista. Para o autor, somados os fatos de que enunciação nunca é um ato isolado e que existem diversas opiniões sobre uma só temática (a heterogeneidade), a polifonia acaba se tornando parte fundamental do processo do polemista.

O *ethos* - Muito da atração que o polemista exerce sobre o público é explicado pela forma como ele cria um personagem de si mesmo (PETRIK, 2006). A auto-imagem é fator determinante para a construção de uma personalidade que atinja um caráter polêmico, já que é nesta personalidade elaborada pelo polemista que se define o seu discurso. Assim, com Aristóteles, Petrik cita que o *ethos* pode ser definido como forma para o autor se inserir sem auto-referência. O polemista pauta o público quanto ao seu *ethos*: “quando se chega ao espaço onde é publicado seu texto, já se sabe o que esperar, uma ruptura, um ponto-de-vista imprevisível. É esse personagem que ele se encarrega de alimentar, fonte de seu sucesso” (PETRIK, 2006, p.22-23)

A qualidade do “personagem” (*ethos*) criado pelo polemista influencia de forma direta na sua popularidade, ou falta dela, conforme Petrik, que localiza ainda o polemismo no cenário onde ele está inserido, sendo que apesar de contestatório, está em busca de uma comunhão, pois o polemista só se constitui através dos outros.



Ironia - Petrik (2006) conceitua ironia como “uma enunciação em que o significado não é o que está estritamente denotado”. Ironizar é, primeiramente, colocar alguma coisa em cheque: seja o tema apresentado, a opinião dentro de uma heterogeneidade marcada ou alguma ação específica, com sarcasmo e zombaria. O autor ressalta a enunciação irônica de significados não estritamente denotados, levando a possibilidade dúbia e incompreensibilidade. Por isso mesmo serve ao polemista. A ambigüidade confere sofisticação e, segundo Petrik, “não há dúvida que, como meio para propagar a mensagem polêmica, a ironia é mais eficiente do que a contestação pura e simples, despida de qualquer atrativo”. Mas é insolúvel, assinala.

Segundo Cossari (2004, p.4), um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do locutor, a voz de um “enunciador” que expressa um ponto de vista insustentável.

Considerando os estudos relacionados, tem-se que ironia é uma forma de questionamento de algum posicionamento através de afirmações ou questionamentos de natureza duvidosa.

Polemismo e jornalismo

O jornalismo reforça a possibilidade de o polemista exercer o seu papel, pela abrangência que dá ao seu discurso. Mas há um lugar específico reservado ao polemista.

Não há que se confundir jornal com jornalismo. O jornal admite e necessita do polemista. O jornalismo não. [...] No caso sob análise, o jornalismo polemista é sub-produto do articulismo. E como tal é produto raro para o jornal, entendido o jornal como produto de consumo [...] O jornal ganha, e muito, com a presença de tais debatedores. (WAINBERG et al, 2002, p.67)

Assim, conforme Wainberg, o personagem polemista no jornalismo atual confunde-se com o papel do colunista. Por sua vez, o jornalismo é caracterizado pelo exercício da reportagem. Nela está inserida a pesquisa de dados, a busca de fontes de todos os representados nos fatos e uma tentativa de afastamento do texto tendencioso. No jornalismo opinativo, vê-se a busca de informações sobre os temas noticiados com fontes ligadas a eles. No entanto, sem a preocupação com a influência que será exercida sobre o leitor, já que é mera função deste gênero emitir uma opinião. Embora mais próximo do jornalismo opinativo, o polemismo difere-se do colunismo por não ter o fato como matéria-prima e sim sua visão de mundo



A relação de Nelson Rodrigues com jornais

Em 23 de agosto de 1912, nascia, na cidade de Recife (PE), aquele que seria considerado por muitos o mais adúltero dos autores brasileiros. E não demorou muito para que esse tema, recorrente nas obras de Rodrigues, aparecesse. Aos sete anos participou de um concurso de redação na Escola Prudente de Moraes, já no Rio de Janeiro. Ele dizia ter escrito seu primeiro conto de adultério. (PASTRO, 2008). Nelson Rodrigues faleceu no dia 21 de dezembro de 1980.

O primeiro contato de Nelson Rodrigues com os jornais acontece em 1925, aos 14 anos, quando começa a trabalhar no jornal do pai, *A manhã*, na redação de pequenas notícias. Um ano depois, Nelson lança seu próprio jornal, *Alma Infantil*, com quatro laudas. O jornal de Mário Rodrigues, pai de Nelson Rodrigues, passou a trazer, em 1928, as primeiras crônicas de Nelson. Mas a experiência durou pouco. Ainda em 1928, Mário Rodrigues perde o jornal para o sócio Antônio Faustino Porto. O pai lança então outro periódico ainda com mais sucesso, chamado *Crítica*, 49 dias depois do desligamento de *A manhã*. Lá, o Nelson trabalhou com três dos seus catorze irmãos. A ida para *O Globo* aconteceu depois do fechamento do *Crítica* pelo governo de Getúlio Vargas.

A primeira obra teatral de Nelson Rodrigues foi *A mulher sem pecado*, escrita em 1941. O autor dizia que a obra começou a ser escrita pensando em ganhar dinheiro (Pastro, 2008). Apesar de aplaudida por muitos e criticada por outros, o reconhecimento de fato só veio com a segunda peça de Nelson, de 1943: *O vestido de noiva*. Tamanho sucesso o levou a trabalhar nos Diários Associados. Lá, lançou seu primeiro romance folhetim chamado *Meu Destino é Pecar* com o pseudônimo Susana Flag. Com esse pseudônimo, foram mais quatro: *Escravas do amor* (1944), *Minha vida* (1946), *Núpcias de Fogo* (1948) e *O homem proibido* (1951).

Com outro pseudônimo, Myrna, publicou no Diário da Noite, em 1949, *A mulher que amou demais*. Já com textos assinados, publicou os folhetins *A mentira* (1953) e *Asfalto Selvagem I e II* (1959 – 1960).

Asfalto Selvagem - Os 112 capítulos de *Asfalto Selvagem* foram originalmente publicados no jornal *Última Hora*, entre agosto de 1959 e fevereiro de 1960. Todos os



dias os leitores acompanhavam a saga de Engraçadinha, uma personagem que marcou época por seu despudor e pela vida de crenças, descrenças, pecados, sortes e azares.

Rodrigues contou a vida da personagem em dois momentos. O primeiro deles conta a vida de Engraçadinha dos 12 aos 18 anos em 38 publicações; no caso do livro, capítulos. Na segunda parte a protagonista aparece com 34 anos em 74 capítulos.

O que tornava “Asfalto Selvagem” tão diferente (e mais “forte”) do que “A vida como ela é” era que, nele, ao ouvir a voz interior dos personagens, reconhecíamos a nossa própria voz. [...] Neste, Nelson podia vasculhar a vontade a cabeça dos personagens, ir buscar as imagens e fantasias que eles escondiam de si mesmos e expor as mazelas íntimas até dos mais virtuosos. (Principalmente destes) E podia estender-se também em comentários sobre a época, o lugar e a condição humana através de sua visão particularíssima de mundo. (CASTRO, 2006, p.301)

Em 1961, um ano depois do término de sua publicação no jornal, a obra foi editada como livro em dois volumes pela editora J. Ozon. O livro, porém, não contribuiu para a reputação de Nelson Rodrigues, já que foi publicado com a mesma edição – ou os mesmos erros de edição – que as versões impressas no jornal. Em 1994 a Editora Companhia das Letras condensou os dois volumes e lançou *Asfalto Selvagem – Engraçadinha, seus amores e seus pecados*, com revisão apropriada, sem os erros de gramática e datilografia encontrados nos textos publicados no jornal e na primeira edição do livro.

Segundo autores como Castro (2006) e Pasto (2008), Nelson Rodrigues utilizava diversas personalidades reais de sua vida como base para compor personagens de suas tramas. Algumas como características dos personagens, outras apenas como forma de homenagem a colegas de jornalismo.

Castro (2006) relaciona personagens secundários de *Asfalto Selvagem* com algumas figuras reais ligadas a vida de Nelson Rodrigues, alguns deles diretamente ligados ao jornalismo.

Também aparecem na obra nomes como Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, Jânio Quadros, Juraci Magalhães, Israel Pinheiro, Lourival Fontes, Sobral Pinto, Gilberto Amado, Neiva Moreira, Almino Affonso, Augusto Frederico Schmidt, Abraão Medina (dono das lojas “Rei da voz”), Benício Ferreira Filho (cartola tricolor e diretor da financeira “Prolar”), Abdias do Nascimento, o historiador Pedro Calmon e o poeta Lêdo Ivo. Castro (2006) afirma que as idas e vindas destes nomes conhecidos como



temas de conversas de personagens da obra eram “a maneira de Nelson fazer colonismo político, crítica literária e crônica social - sem paralisar a ação e, ao mesmo tempo, escrever o que pensava sobre cada um”.

Sobre o que as pessoas pensavam sobre aparecer na obra, o biógrafo Castro (2006) diz que: “Wilson, Hermano, Tinhorão, Carlinhos de Oliveira e os outros adoravam” (...)“Otto Lara Resende, nem tanto. Otto fingia irritar-se. Ou se irritava de verdade, ninguém sabia ao certo”.

Outra tênue linha entre a realidade e a ficção nesta obra de Nelson Rodrigues era a participação de conhecidos na construção do enredo, de forma especial na segunda parte da história.

Num caso talvez único na literatura, o destino dos protagonistas de “Asfalto selvagem” era discutido passo a passo entre o autor e os figurantes. Nelson ligava todo dia para Wilson Figueiredo no “Jornal do Brasil”, exatamente como doutor Odorico fazia na história. Perguntava a Wilson o que ele achava do capítulo daquele dia e ouvia de volta: “Genial! Mas afinal, Nelson, o doutor Odorico vai ou não vai papar a Engraçadinha?”, perguntava. Está difícil, Wilson. A moça é a virtude da cabeça aos chinelos.” “Olha, o Hermano aqui tem um palpito. Você não disse que eles são pobres? Faça doutor Odorico suborná-la com alguma coisa. Uma geladeira, por exemplo.” (CASTRO, 2006, p.308-309)

O biografista segue dizendo que Nelson Rodrigues achava graça e dizia que pensaria a respeito. Alguns capítulos depois aparece na trama uma geladeira que foi comprada por Dr. Odorico.

A história - A série de tragédias que marcam a vida da personagem começa assim que, depois de várias noites entre Sílvio e Engraçadinha, Dr. Arnaldo conta que eles são irmãos. Sílvio decepa o próprio pênis com uma navalha e depois morre. Engraçadinha já estava grávida. Acontece, então, o primeiro suicídio da trama: Dr. Arnaldo, pai da personagem, se mata ao ver a derrocada de sua família e a morte de seu filho.

Casada com Zózimo (que assumiu seu filho de Engraçadinha com Sílvio, Durval, mesmo sabendo não ser dele), ela se muda para o Rio de Janeiro. Esta mudança marca o final da primeira fase da obra.

É interessante como Nelson Rodrigues, a partir daí, vai descortinando a verdadeira faceta daqueles que participam do enredo e, de quebra, vai reafirmando sua própria visão sobre o sexo, os vínculos afetivos e as relações familiares. Recorrendo ao “voyeurismo” do leitor médio,



entreabre as cortinas da “alcova” e capricha no pormenor erótico.
(PASTRO, 2008, p.189)

A segunda etapa da vida de Engraçadinha começa em 1959 (ano corrente da publicação da história no jornal) no Rio de Janeiro (cidade onde o jornal era publicado). Para Castro (2006) estas características deram um “tom palpitante de atualidade”.

O que o leitor não esperava (e Rodrigues surpreende) é que a personagem virara protestante. O sexo com Zózimo quase não acontece (e quando acontece é no completo breu. Várias vezes o marido de Engraçadinha divaga sobre o fato de nunca tê-la visto nua) e a preocupação maior da protagonista da história é evitar que Silene seja igual a mãe no passado.

Engraçadinha se envolve com Luís Carlos, um funcionário do cerimonial do Itamaraty, que oferece uma carona em um dia de chuva torrencial. Sente por ele o que sentia por Sílvia. Retoma o prazer pelo sexo. Tudo estaria bem se Letícia, que na primeira fase da obra era apaixonada por Engraçadinha, não retornasse a trama com muito dinheiro e disposta a conquistar a personagem. Ela enxerga os amantes e faz ameaças de contar para Durval, o filho, caso Engraçadinha não se entregue a ela. Este embate entre as duas leva Letícia ao suicídio, no capítulo final.

A enunciação e a realidade na obra

A característica básica da enunciação (que é a comunicação através da palavra para expressar alguma coisa) Nelson Rodrigues atinge pelo fato de ter publicado, durante seis meses, diariamente, suas opiniões e questionamentos através de personagens em um veículo impresso. Esta é uma das características básicas do polemismo.

Rodrigues contextualiza o leitor no espaço e no tempo em que se passa a história para que seu enunciado não seja vago. Para isso, inclui na trama diversas características e objetos reais do Rio de Janeiro do ano de 1959, o que fica mais evidente, especialmente, na segunda parte da história. A cidade real dentro da história vai além de nomes de ruas e uma contextualização geográfica, e nomes de jornalistas e jornais reais. Passa também, por exemplo, por um filme que causava polêmica na época: *Les amants*, e que é recorrente na história.



_ *Les Amants*.

Ela insiste:

_ O tal?

Novo arroubo do juiz:

_ É uma vergonha! Uma indignidade!

Engraçadinha tem um arrebatamento:

_ O cúmulo que a polícia deixe.

Dr. Odorico ergue-se. Precisava de espaço para sua veemência:

_ Não é polícia, Engraçadinha! Não é a Justiça! – Pausa e ergue a mão de dedos retorcidos: - Nem é o filme!

Engraçadinha faz um ar de quem pergunta: - “Então quem é?”. Ele exulta:

_ É a platéia! É a filme e, para encurtar, a sociedade brasileira! É a família brasileira. – Espera um pouco e prossegue: - Não assisti a esse filme nem quero! Mas o filme é um detalhe! O trágico é ver a família brasileira.

(RODRIGUES, 1994, p.211).

O filme estava em cartaz no cinema do Rio de Janeiro naqueles dias. Rodrigues expressava, através de Dr. Odorico, uma postura completamente moralista

Perante os conhecidos, diz: “- É uma vergonha! Uma indignidade!”. Mas longe dos repreensivos olhares de quem convive, a reação de Dr. Odorico frente ao filme é muito diversa. Como pode ser observado na cena em que ele, na porta do “Pathezinho”, na Cinelândia, reage aos vitupérios que uma gorda e hipócrita lança ao longametrageo com quem acabara de se aprazer: “*Porque indignidade? Indignidade, vírgula! E o que faz seu marido? A senhora deve andar muito escassa de marido!*”. Na sua fúria contida, ele pensava: “*Babou-se lá dentro e vem cá para fora fazer comício!*”. (PASTRO, 2008, p.198).

Nesta passagem fica claro que Rodrigues posicionava seus personagens frente aos temas então atuais. No caso da postura de Dr. Odorico sobre *Les Amants*, Castro (2008) afirma que Rodrigues falava também de como viam a sua obra: podiam ter uma postura moralista, mas liam e deleitavam-se.

Heterogeneidade clássica - A heterogeneidade marcada aparece no texto de Rodrigues de forma clássica. Com uso de travessões e embates verbais, mostra divergentes opiniões. Um dos exemplos está no quinquagésimo capítulo. Numa conversa entre o jornalista Ib Teixeira e Raimundo Pessoa:

_ Eu mesmo li – eu! – no *Diário Oficial* e te digo: - fiquei besta. Fez um discurso, na “Gaiola”, contra o beijo de um menino de doze anos numa menina de doze anos. E chama o beijo de atentado à moral!

Com o cálice vazio a sua frente (e também já desesperado nas chinelas), o Raimundo Pessoa rosna a frase:

_ Freud explica.

O Ib acha que o verdadeiro “atentado à moral” era o discurso de Arnaldo Nogueira. Perguntava ao companheiro : - “O povo elege um sujeito, dá-lhe dinheiro, para o cara legislar contra o beijo?”. O Raimundo Pessoa, no seu jeito meio soturno, arrisca:

_Feio é se o garoto, ao invés de escolher uma garota, preferisse um outro garoto!

Com um lampejo no olhar, o Ib espia para o portão numa última esperança das chilenas. Ergue-se, com vontade de chorar; esbraveja ainda: _ “O ódio que há no Brasil contra o amor! A polícia persegue o namorados, os amantes, fecha os hotéis. Teremos uma polícia ginecológica!”. (RODRIGUES, 1994, p.249)

O trecho caracteriza-se como polêmico por trazer um tema que estava em discussão na época e apresentar pontos de vista sobre ele.

Outra peculiaridade nesta obra de Rodrigues é que em sua grande parte, os contrapontos sobre uma mesma ação ou atitude estão no pensamento e na ação de um só personagem. Por exemplo, nesta passagem que conta como foi a noite em que Sílvio e Engraçadinha transaram na biblioteca de Dr. Arnaldo:

Levou-a para o divã. Subitamente, descobrira que sempre a desejara, sempre. Naquele momento, há poucos passos, o pai conversava com deputados e o prefeito; a noiva andava, meio perdida, por entre os convidados, com jeito doce e lancinante de pobre-diabo. [...] E ninguém podia imaginar que, na biblioteca fechada apenas com o trinco – aquele corpo enroscado! -, repetia para si mesmo: - “Crápula! Crápula! Eu sou crápula! Me cusparam na cara!”. (RODRIGUES, 1994, p.47)

Segundo Petrik (2006) a enunciação nunca é um ato isolado e isto é válido, inclusive, no caso do monólogo, aparentemente de um só locutor, mas que em diversas vezes coloca-se em diálogo consigo próprio. Na relação entre os personagens Luís Cláudio e Engraçadinha há uma constante presença desta heterogeneidade dentro do pensamento da principal personagem da história: trai, tem um amante, ao mesmo tempo em que é protestante e rigorosamente ligada a religião.

Engraçadinha tem uma súbita consciência de que é, sim, mentira, tudo mentira. Sente que é falsa sua cólera, falso o seu ódio. Toda a sua violência é representada. Finge para ele e para si mesma. Imaginara que, depois do prazer, viria o desespero. Mas a volúpia extinguiu-se do fundo do seu ser. Estava pronta, vestida e não sofria ainda – “O que há comigo, meu Deus do céu?”. (RODRIGUES, 1994, p.446)



Os personagens rodrigueanos questionam-se, sempre, por todo o tempo, sobre as suas atitudes. O “ver o outro lado” ou o embate de idéias de uma mesma personalidade são aspectos comuns na obra.

O *ethos* rodrigueano em *Asfalto Selvagem*

Um dos principais aspectos que caracterizam o polemista é sua personalidade impressa em suas opiniões. Entre as características mais relevantes de Rodrigues estão as temáticas abordadas. Sem fugir de pequenos comentários sobre política e religião, por exemplo, o autor concentrava as discussões do folhetim de Engraçadinha em questões morais.

Parece que Nelson Rodrigues carnavaliza situações onde os valores morais estão colocados e acabam provocando riso geral, como se o mais sensato fosse rir daquilo que se criou [...] O ato de rir e as sensações por ele transmitidas trazem em si tanto a marca da natureza como a da cultura. [...] Assim, pode-se dizer que Nelson Rodrigues, mais uma vez, consegue mostrar o conflituoso campo de forças entre natureza e cultura. (Tranquilin Silva, 1999, p.229-233 apud PASTRO, 2008, p.194)

Este embate entre as forças da natureza e a cultura pode ser exemplificado com a paixão de Letícia por Engraçadinha – tão forte que leva Letícia ao suicídio, o segundo da história. No início da década de 60, o autor falava no jornal sobre homossexualidade, incesto. E foi mais longe: na primeira fase, Letícia beija Engraçadinha – “como se fosse homem”.

Pastro (2008) destaca entre as cenas de Rodrigues algumas frases coincidentes com o *ethos* do autor, no sentido de abordar o moralismo e relação entre pessoas e famílias, como por exemplo em: “*cada família tem suas trevas interiores, que é preciso não provocar*” ou “*sexo é, no casamento, um detalhe*” .

Ironias no destino

As ironias na construção da trama de *Asfalto Selvagem* não estão apenas na forma textual. Aparecem no destino e nas ações dos personagens. A mais clara e evidente delas é na transformação de Engraçadinha de completamente perversa para

protestante convicta. Durante várias passagens ela relembra seu passado – em especial a noite com Sílvio na biblioteca – e logo em seguida se põe a orar.

Como forma textual, a ironia aparece em trechos como este:

_ Posso fazer isso, mas o senhor sabe? Não sabe que. Que é contra a minha vontade? – Pausa e olha para o alto, ao mesmo tempo em que fala apaixonadamente: - Deus sabe que eu não quero, que eu não desejo! Deus sabe! Sabe! [...] (RODRIGUES, 1994, p.436)

Na seqüência da cena, Engraçadinha se entrega a Luís Cláudio e Rodrigues descreve seu prazer em estar traindo Zózimo, Dr. Odorico e Durval.

Há outro trecho, que acontece assim que Dr. Odorico chega a casa de Engraçadinha. Depois de comentar sobre a alegria de ter encontrado a filha e tê-la reconhecido imediatamente, ele se dirige ao pai da moça:

_Parabéns pela sua filha! Ao mesmo tempo, não tirava os olhos da menina. Oh, a mobilidade voluptuosa daquela boca! Mas quem o juiz estava achando deprimente era Zózimo. Por detrás de sua polidez, fazia uma generalização brutal: _“Marido é assim! Camisa rubro-negra sem mangas, axilas abundantes e obscenas, de chinelo e sem meias”. “ De resto” – concluía – “é preciso muito cinismo para que um casal, qualquer casal, chegue às bodas de prata!”. (RODRIGUES, 1994, p.200)

Soma-se à característica irônica o fato de, nos capítulos seguintes, Rodrigues revelar que Dr. Odorico e a esposa estariam completando 25 anos de casados.

Considerações finais

Ao analisar as características da polêmica na obra *Asfalto Selvagem* de Nelson Rodrigues e verificar aspectos do polemismo rodrigueano relacionados com o jornalismo, conclui-se que a arte de Rodrigues como polemista caminha entre a ficção e realidade, de forma que traz artifícios e possibilidades para trazer questionamentos e reflexões sobre o mundo real.

Esta pesquisa buscou analisar, através de uma reflexão sobre o polemismo, uma das obras de Nelson Rodrigues a partir das características definidas por Petrik (2006) como estruturadoras da polêmica - enunciação, heterogeneidade e polifonia, o *ethos* e a ironia. Rodrigues, como polemista, foi além de ser emissor de opiniões: gerou a dúvida,



instigou a reflexão e cumpriu com seu papel dentro do jornal enquanto precursor de polêmicas não-factuais, mas factíveis aos olhos da sociedade onde estava inserido.

Assim como qualquer forma de comunicação, os textos de Rodrigues tiveram influência de sua vida pessoal. No caso dos textos rodrigueanos, os dilemas que se assemelham aos vividos em carne e osso pelo polemista são revelados. Identifica-se como motivação para o tratamento dos temas o inconformismo com alguns aspectos culturais da época.

Como uma das formas de conhecimento sobre a realidade, o jornalismo deve revelar os conflitos da sociedade. A falta de polemistas em muitos veículos pode ser um dos fatores na busca por outras mídias, como blogs e sites opinativos. Vislumbra-se assim, um dos caminhos para uma revisão conceitual sobre o polemismo nas práticas jornalísticas.

Referências

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo de variedades: gêneros e formatos na imprensa brasileira**. Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no 10º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, do 33º Congresso da Intercom. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0441-4.pdf>>. Acesso em 05 de junho de 2011.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

COSSARI, Paulo Henrique. **A construção da polêmica de textos jornalísticos metalingüísticos**. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/06/Individuais/05.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

FREITAS, Helena de Sousa. **Jornalismo e literatura: inimigos ou amantes?** Lisboa: Peregrinação Publications, 2002.

FERREIRA, Marcio Poetsch. **Sofistas e polemistas: os protagonistas da retórica**. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1208-1.pdf> >. Acesso em 19 de nov. 2010.

MAGALDI, S. 1992. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.



MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de [org]. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.

MELO, José Marque de. “Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro”. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

PASTRO, Sandra Maria. **Os folhetins de Nelson Rodrigues: um universo de obsessões em fatias parcimoniosas**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

PETRIK, Manuel. **O duelo verbal: um estudo sobre o polemista no jornalismo**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Disponível em: < http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/7/TDE-2007-04-19T063716Z-517/Publico/389377.pdf > Acesso em: 10 out. 2010.

RODRIGUES, Nelson. **Asfalto Selvagem: Engraçadinha seus amores e seus pecados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SPONHOLZ, Liriam. O papel do jornalismo nas controvérsias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, ano VII, n1, p.165-172, 2010.

WAINBERG, Jacques; CAMPOS, Jorge; BEHS, Edelberto. Polemista, o personagem esquecido do jornalismo. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XXV, n. 1, p.47-68, 2002.